Fichamento

Discente: Silvio Henrique Menezes Gomes

ZABALZA, Miguel A. **O ensino universitário**: seu cenário e seus protagonistas. Porto Alegre: Artmed, 2004.

Antes de compreender o capítulo 1, é necessário abordar alguns comentários no sentido de contextualizá-lo a partir do capítulo introdutório do livro. O Miguel A. Zabalza, como professor e, portanto, assumidamente caracterizado como tal neste livro, mostra a dificuldade em definir a função formativa da Universidade frente a várias questões sociais e culturais as quais ela está submetida, sobretudo na própria resistência do corpo docente sobre tais dinâmicas históricas no perfil do aluno.

Comunica ao leitor que, toda reflexão abordada no livro, é uma mistura de elementos biográficos e bibliográficos, e dá ênfase maior aos aspectos de sua própria vivência universitária. Em alguns momentos reforçará com palavras de outros estudiosos acadêmicos sobre ensino e aprendizagem nas IES (Instituições de Ensino Superior). O autor separa o livro em quatro grandes eixos:

1. Universidade – política universitária;
2. Materiais de currículo – ciência e tecnologia;
3. Professores – mundo profissional e;
4. Estudantes – mercado de trabalho.

**Capítulo 1 – A universidade: cenário específico e especializado de formação**

O primeiro eixo é o que será abordado no capítulo 1. Esse capítulo foi separado em quatro grandes tópicos, que caracterizam a universidade desde sua transformação até a importância da formação contínua, no conceito pós-moderno de *sociedade da aprendizagem (ou sociedade do conhecimento)*.

O autor introduz que, apesar da visão comum de que a universidade possui uma imagem estática e pouco volúvel às mudanças externas da sociedade, ela passou por mudanças constantes quanto a sua orientação e projeção social ao longo dos séculos. Aborda os compromissos e objetivos da universidade com base na legislação espanhola que pode ser resumida em quatro grandes objetivos que diz:

*“De modo sucinto, está se dizendo às universidades que não se contentem em apenas transmitir a ciência, mas que a criem (...); que deem um sentido prático e profissionalizante para a formação que oferecem aos estudantes (...) façam-no em contato com o meio social, econômico e profissional com cuja melhora devem colaborar. ”* p. 20

***Primeiro tópico: Transformação da universidade***

No primeiro grande tópico, sobre a transformação da universidade, faz um comparativo entre os momentos vividos em sua própria formação, na década de setenta, em um contexto econômico diferente do atual e, como ela vem se transformando em uma velocidade muito maior que em outros períodos de sua existência. Esses aspectos estão aliados com as possíveis cobranças competitivas do mercado, algo menos impactante ou ausente em sua época como aluno universitário, que haviam menos alunos, cursos mais generalistas, mas com pouca participação estudantil nas decisões institucionais.

Dentre as mudanças ocorridas e como o meio social têm influenciado nisso, estão a massificação e heterogeneidade dos alunos, bem como a redução de investimentos e a incorporação das novas tecnologias. Essas mudanças ocorrem devido a duas forças contrapostas:

*“Por um lado, há a pressão da globalização e internacionalização dos estudos e dos pontos de referência (...); por outro lado, cada vez mais há mais consciência da importância do contexto como fator determinante do que ocorre em cada universidade e das dificuldades para aplicação de regras ou de critérios legais. (...) O que acontece em cada instituição é muito condicionado pelo contexto político, social e econômico em que cada uma desenvolve suas atividades (...)”* p. 24

Nesse sentido, a universidade que antes vivia às margens da dinâmica social, ou seja, possuía uma certa autonomia e autogestão sem necessidade de prestar contas, passou a ser plenamente inserida na dinâmica central da sociedade e participativa dentro deste contexto. Segundo o autor:

*“De um bem cultural, a universidade passou a ser um bem econômico. De lugar reservado a uns poucos privilegiados tornou-se um lugar destinado ao maior número possível de cidadãos. ”* p. 25

Esse maior acesso ao ensino superior trouxe mudanças significativas no campo docente, que agora têm um desafio maior em lidar com heterogeneidade e massificação do ensino. Dentro desse perfil de grupos heterogêneos, notou-se um aumento no número de mulheres e alunos de distintas idades.

A massificação é um fenômeno nítido e percebido em várias universidades europeias. Isso culminou na ampliação das IES bem como na contratação de mais professores, além da mudança de *status* social dos cursos ou na precarização do trabalho docente.

Assim, aquela suposta autonomia a qual as IES gozavam passou a depender de outras fontes, vinculadas às políticas de financiamento e de controle de qualidade por falta de apoio incondicional do poder público. Esse controle de qualidade e estabelecimento de padrões, têm mais enfoque em como os recursos são geridos do que foco na qualidade da formação, transformada em uma nova obsessão política.

A partir disso, o autor faz questionamentos quanto a função centralizadora da universidade na formação profissional. Acreditava-se que tudo aquilo que era ensinado nas IES eram suficientes, que a ideia de formação se dava dentro do curto período em que o aluno tinha acesso à universidade, de maneira descontínua. A integração instituição e empresas em parcerias, atributos complementares como estágios, sobretudo no reconhecimento acadêmico das habilidades particulares de cada aluno (suas experiências de vida e profissionais), são alvo-chave desse capítulo e que levará a reflexão das exigências à competência docente para atingir uma formação contínua.

Isso res-significa a figura do professor, que agora é um elo importante para autonomia de aprendizagem, agindo mais como um orientador que apenas alguém que “despeja” conteúdos a serem aprendidos a um grupo cada vez mais heterogêneo:

*“(...) é evidente a necessidade de reforçar a dimensão pedagógica de nossa docência para adaptá-la às condições variáveis de nossos estudantes. (...) incorporar experiências e modalidades diversas de trabalho de tal forma que os próprios alunos possam optar por níveis de aprofundamento da disciplina de acordo com sua própria motivação e orientação pessoal. ”* p. 31

***Segundo tópico: sentido formativo da universidade***

 *“Em relação a universidade, são numerosas as funções que, como instituição social, se espera que se desenvolva: ensino, pesquisa, administração dos recursos e do pessoal, dinamização social e cultural, apoio técnico e científico às empresas, consultoria social, serviço social e apoio às pessoas de baixa renda, estabelecimento de parcerias nacionais e internacionais de pesquisa e formação crítica social, etc.”* p. 35

O trecho acima mostra uma visão mais geral sobre as funções da universidade. Contudo, o autor dá nesse tópico um maior enfoque no sentido formativo dela. O que seria formação e qual o sentido dela? Nesse caso ele caminha para um significado mais pedagógico: o sentido da formação como forma de crescimento pessoal. Assim, ele aborda algumas convenções que necessitam de reparos conceituais, principalmente no que tange a diferenciação entre educação e formação:

*“A importância da formação deriva, a meu ver, de sua necessária vinculação ao crescimento e ao aperfeiçoamento de pessoas, aperfeiçoamento que tem de ser entendido em um sentido global: crescer como pessoas. (...) A ideia de aperfeiçoamento, de desenvolvimento pessoal, entre outras, costuma ser atribuída comumente ao conceito de educação. Dessa maneira é possível estabelecer uma contraposição entre o que é educação (...) e o que seria formação (...). ”* p. 39

Dentro desses dois conceitos o autor destaca que *“A educação (...) aparece como um processo mais amplo, menos padronizado e mais direcionado a atingir a dimensão pessoal dos indivíduos. (...) a formação pode ser interpretada como algo que não resulta em desenvolvimento pessoal, ou como algo que mantém propósitos contrários a essa ideia (diminuir a capacidade crítica, reforçar os sistemas de adaptação, modelar os indivíduos conforme um pensamento heterogêneo). ”* p. 39-40

Nisso, o autor eleva o sentido de formação e que este deve aliar três aspectos: *“(...) o desenvolvimento pessoal, o desenvolvimento de conhecimentos e competências específicas e uma visão mais ampla do mercado de trabalho a fim de agir nele com mais autonomia. ”* p. 45. E, para concluir a análise da ideia de formação o autor destaca três dilemas:

1. Qual o ponto de referência? O indivíduo ou o mundo que o cerca?
2. Especialização ou formação geral de base? Isso fica claro com um trecho da pág. 50:
3. Dilema entre o local e o universal:

“(...) Passar de uma visão local a uma visão global, quer dizer, recuperar a antiga ideia de universalidade como atributo dos estudos universitários é, sem dúvida, um dos desafios principais que se impôs com o novo cenário das tecnologias e da globalização econômica e científica.” p. 50-51

***Terceiro tópico: A formação contínua***

“(...) A manutenção da competitividade comercial torna necessária uma constante readequação das competências profissionais dos trabalhadores, e isso exigiu um esforço real das empresas mais modernas no que diz respeito à criação de sistemas de formação e reciclagem permanente de seus empregados. (...) a pressão para busca de novos conhecimentos e para a constante qualificação, a qual tradicionalmente era vinculada ao ‘espírito’ do aluno, está, hoje em dia, muito mais vinculada a fatores emergentes, os quais têm sua fonte e seu sentido fora da instituição escolar e que pertencem ao âmbito geral da ‘cultura de nossa época’ ” p. 53 e 55

***Quarto tópico: Posição da universidade na “Sociedade do conhecimento”***

Esse tópico marca o pensamento sobre a posição da universidade como fonte estável ou perene do conhecimento, como se ela fosse a única capaz de fornecer conteúdo suficiente para toda vida pós-formação, sem abertura para o diálogo com os anseios dos alunos, pondo-o como coadjuvante no processo de aprendizagem.

O termo “sociedade do conhecimento” é lido aqui como as múltiplas fontes de conhecimento advindas dos inúmeros processos sociais. Isso parte da valorização da experiência no processo contínuo de formação. Nesse caso, a universidade deve fornecer ferramentas suficientes para que o aluno fomente o espírito de inquietude na busca de respostas em novas bibliografias ou fontes.

Outro caso é a questão da seletividade. Se a função da universidade é a orientação no desenvolvimento pessoal, portanto ela deve assumir o compromisso fundamental com as pessoas que desejam aprender e a preparar-se profissionalmente, e não apenas selecionar os mais aptos.

E por fim, incorporar ao currículo atividades formativas extracurriculares em que o aluno *“(...) se envolva pessoalmente não apenas como alguém que aprende algo, mas como alguém que ‘vive’ algo de modo a provoca-lo em todas as suas dimensões: intelectual, emocional e social, etc.”* p. 65. Um belo exemplo disso é a conexão entre teoria e prática, algo que pode ser vivenciado na parceria IES e empresas ou, atividades artísticas, esportivas e bucólicas.